

CORPO IRRISÓRIO, EM TEMPO REAL¹

Resumo:

O artigo analisa o conceito de corpo como composto de linhas de força e de forma para refletir sobre as suas possíveis transformações no âmbito da arte e da vida fora da arte.

Palavras-chave: Corpo; Forças; Devir; Gilles Deleuze.

Abstract:

The article analyzes the concept of the body as composed of lines of force and form to reflect on their possible transformations within the art and life outside of art.

Keywords: Body; Forces; Becoming; Gilles Deleuze.

“O possível implicando o devir – a passagem de um ao outro acontece no infra-
fino”
Duchamp

Um corpo forma-se e não cessa de formar-se, transformar ou (des)formar-se, metamorfosear-se. O que move um corpo? Como libertar o corpo? E, de que corpo falamos? Do corpo na arte, dos corpos que os artistas fazem, de uma música, de uma dança, de uma peça, de corpos falados, dançados e sentidos.

Parto da ideia de um corpo como elemento e matéria vital do mundo, da arte, mas também, da vida cotidiana. Quero esquecer e não utilizar os modos tranquilos de passagem do plano da vida para o plano da arte. Vamos, se pudermos, para fora de todos os lugares seguros, porque é inevitável quando ouvimos certa música, sentimos certo ator, olhamos realmente para uma

¹ **Nota da Autora:** Este texto deve ser lido, literalmente, com uma agulha por perto, tendo em conta a expressão “fazer passar alguém por um buraco de uma agulha” ou indo mesmo à origem, cf. Novo Testamento, S. Lucas, 18:24 – “Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha (...)”.

Nota do Editor: Este texto foi adequado às normas de notação de referências brasileira (ABNT). A ortografia foi adequada à Nova Norma Ortográfica da Língua Portuguesa.

criança, acompanhamos uma dança. Avancemos para nos escaparmos e apanharmos o movimento radical que os anima. Descobriremos um corpo porque ele está aí, de uma só vez, em tempo real como o corpo do performer – o seu corpo e a sua alma são apenas um. Pura energia e sentido dos ritmos, matérias intensas e forças do mundo.

O corpo de que vou tentar falar é um corpo que não é banal, é um corpo extremo, onde “tudo se decide”, em movimento. Não é nem uma coisa, nem uma ideia, nunca é um organismo. Este último deve mesmo ser erradicado, desaparecer. Talvez, por ser um corpo com um certo feitio e de fraca intensidade. Talvez porque rompendo com ele, tornando-o um caos, podemos, paradoxalmente, encontrar o outro fora de todas as determinações sensório-motoras, fora da cronologia, da sucessão, em outras coordenadas, fora, inteiramente fora de tudo, e encontrar assim novas sensações (im)possíveis, energias com as quais extrairemos ou arrancaremos dele mesmo (como se arrancam ou extraem ou roubam...) as intensidades e os afetos. Isso, talvez, seja o que nós estamos sempre a fazer. Podemos dizer então que nos “libertamos” de um corpo e precisamos de um outro (consideramos aqui esta passagem ou devir como uma libertação) por necessidade absoluta. É um fato. Precisamos sempre de “fazer” um outro corpo e temos absoluta necessidade dele. Um “não conhecido nem reconhecido”, e não se trata, nesta circunstância da nossa análise, de um corpo a que se aceda por uma ordem de compreensão intelectual ou conceptual. É outro o plano em que nos situamos, são outros os processos... E como fazer um corpo, assim, um outro corpo? Esta é a questão que de cada vez que a enunciarmos aumenta a nossa perplexidade. Outro corpo é aqui um corpo desbloqueado, demasiado quase igual a um nada, demasiado pequeno, micro, irrisório, real, aberto e principalmente vivo – um corpo de pequenas percepções, de criações prodigiosas, bloco de afetos e perceptos a vacilar sem cessar. Que meios extremos teremos de usar para escapar de um corpo trivial e criar as condições para fazer mesmo este outro - fazer um corpo para fazer o mundo?

Delimitaremos o mais possível a nossa análise para nos aproximarmos de um esboço de resposta.

1. Primeiro, o corpo falará e dançará de forma incompreensível e assim:

- quebram-se os selos aparecem
os prodígios
a pura escarlata ao meio dos cornos da besta
máquinas fatais, abismos, multiplicação de luas
- o inferno! Alguém disse: afastem de mim a inocência
Eu falo o idioma demoníaco.
Há imagens que se percebem: a do leão às escuras bebendo
água
gelada, a imagem de uma pessoa com a mão gloriosa nas
chamas
não para de gritar mas não tira a mão do fogo
compreende-se? Como se compreende!

É uma espécie de força absoluta [...] (HELDER, 1996, p. 547).

Falar-se-á um idioma demoníaco. Falar-se-á, sem gramática, num corpo onde têm lugar todas as variações, metamorfoses e devires. Demoníaco porque feito de abismos e intensidades, de potências em chamas, de catástrofes e matérias com poder para atravessar todos os espaços e todos os tempos e em todos os sentidos, com “mil pequenas molas” transferindo faíscas e clamores para outras zonas mais inquietas e desassossegadas, numa imensidão de entre-tempos irrisórios. Num corpo ele mesmo irredutível e irrisório em que o que é consciente é inconsciente.

Nascimento de um corpo:

saio hoje ao mundo,
cordão de sangue à volta do pescoço,
e tão sôfrego e delicado e furioso,
de um lado ou de outro para sempre num sufoco,
iminente para sempre (HELDER, 2013, p. 20).

2. Segundo, partimos de uma proposta para ver se há uma saída para o como fazer um tal corpo. Em Francis Bacon (cf. Deleuze, 2011, p. 52): a fórmula que aparece em primeiro lugar é: forma-se um corpo com uma fórmula: praticando um “atletismo irrisório”, microscópico.

Com um atletismo irrisório talvez seja possível fazer um corpo irrisório. Por quê este corpo? Porque é lá que qualquer coisa se passa, começamos a ver. Porque na dança, no teatro, na música em particular o utilizamos de um feitio (uso aqui a palavra querendo dizer modo, maneira, forma, feição, corte, espécie, gênio, feitio tem o ar a tempestade as nuvens uma pessoa) singular, e com variações; as crianças, os videntes, as feiticeiras, os terapeutas, os apaixonados, os que estão prestes a morrer, também o usam e o experimentam.

O que quer dizer fazer um corpo irrisório? E como? Com metodologias também elas micro, com técnicas oblíquas, infra-finas. Com outros olhos, outros ouvidos, outras mãos? Absolutos ou (im)possíveis...

Voltemos ao atletismo irrisório... que é um atletismo afetivo... (noção que Deleuze foi buscar em Artaud).

Antes de mais é preciso dizer por onde começamos se praticarmos este atletismo:

Desde o início a Figura é o corpo. Mas o corpo não espera apenas algo da estrutura, espera algo em si mesmo, faz esforço em si mesmo para o devir ‘Figura’. Agora, é no corpo que alguma coisa se passa: o corpo é fonte do movimento. Já não se trata de um problema de lugar, mas antes do acontecimento. Se há esforço, e esforço intenso, não é de modo algum um esforço extraordinário, como se se tratasse de um empreendimento superior às forças do corpo... o corpo esforça-se precisamente – ou espera precisamente – por

escapar. Não sou eu que tento escapar ao meu corpo, é o corpo que tenta escapar ele próprio por (...) em síntese, um espasmo. (DELEUZE, 2011, p. 53).

De forma precisa e fina o corpo escapa-se por uma espécie de contração inconsciente convulsiva dos músculos, por um êxtase ou um delíquio momentâneo. Pratica esta forma específica de atletismo, experimenta-se. Experimentar o quase igual a um nada num “esforço intenso” é fazer prova de uma vida impensável, é sentir-se até ao nervo, até ao “puro nó da carne”, “Furioso fulcro do espírito”.

Aberto por uma bala
de fora para dentro. Como um olhar de Deus,
ou da paisagem,
até à raiz do nervo de que vivo todo.
Aberto, descoberto.
Ou fechado, inteiro para sempre.
E ao furo imaginário queimado
Reflui o sangue do mundo.
O nó mais duro, o puro nó da carne
- o centro.
Furioso fulcro do espírito.
É aí que penso (HELDER, 1996, p. 421).

Este corpo vive, aberto, na passagem ínfima, na abertura ao mundo, no acontecer dos “melhores instantes”, nas matérias e sopros temerários. Dito de outro modo, os corpos são feixes de forças em movimento, multiplicidades súbitas. Corpos materiais sem sujeito, em devir. São os devires invisíveis que se veem e se ouvem no esforço das passagens, são só intensidades puras, “velocidades diferenciais”, variabilidades infinitas e infinitamente pequenas. Sem fronteiras, sem índices, nem pontos de apoio, órgãos ou referências.

‘Nenhuma boca. Nenhuma língua. nenhuns dentes. Nenhuma laringe. Nenhum esófago. Nenhum estômago. Nenhum ventre. Nenhum ânus’. Uma vida toda ela não orgânica, uma vez que o organismo não é a vida, mas sim aquilo que a aprisiona. O corpo é inteiramente vivo, e, contudo, não orgânico. Também a sensação, quando atinge o corpo através do organismo, assume um aspecto excessivo e espasmódico, rompendo os limites da atividade orgânica. Em plena carne, a sensação é diretamente levada pela onda nervosa ou emoção vital. (...) [O corpo] é percorrido por uma onda que traça nele diferentes níveis; a sensação é, por assim dizer, o encontro da onda com Forças que agem sobre o corpo, um ‘atletismo afetivo’, um grito-sopro; a sensação, quando é assim posta em relação com o corpo deixa de ser representacional, torna-se real. (DELEUZE, 2011, p. 95).

A única realidade verdadeira é o corpo, este corpo a que Deleuze se refere quando diz que ele pode passar por um buraco de uma agulha (ter efetivamente uma agulha enquanto se está a ler o texto). Só com uma preparação e uma prática de tão especializado atletismo se passa por um buraco tão infra-fino. Para ser irrisório tem de tornar possível a redução de grandes quantidades de matérias e materiais, hábitos, pensamentos, relações, formas, partículas, vozes e sons e imagens... e ir mais longe ainda para lá do esqueleto, deixar-se ir e não mais ser sustentado pelos ossos (cf. Deleuze, 2011, p. 62), até à sua dissolução completa, até ao improvável, imprevisível e desigual e voltar. Há todo um trabalho a fazer com as matérias e com o movimento, devires a preparar, antecipações dos próprios movimentos, invenções de instantes, traçados novos, instrumentos... forças a capturar, afetos e perceptos a extrair, transportes e experimentações de elementos variados, “mil pequenas molas”, inquietações, angústias, formigueiros infindáveis, cansaços invisíveis, fadigas e nuances das mais finas.

Para ser irrisório há um “eu sinto” “um não sei quê” em “tempo real” que sente sem cessar a desterritorialização, a ruína das fronteiras, a desarticulação, enfim, o caos “imminente para sempre”. O irrisório trabalha neste plano, experimenta aí nessa zona. Os atletas irrisórios como os artistas, o ator, o bailarino, as crianças, são bizzaros diz Deleuze, desejam com uma vontade do tipo “grande Nadador que não sabia nadar” ou “campeão do jejum”. O atletismo é do corpo, espécie de “acrobacia da carne”, ação direta, também ela em tempo real, das forças sobre o corpo. Com este atletismo o corpo “instala-se” na própria diferença, estes atletas são “acrobatas esquartejados num malabarismo perpétuo”. Enfim, trata-se de um:

Atletismo que não é orgânico ou muscular, mas ‘um atletismo afetivo’, que seria o duplo inorgânico do outro, um atletismo do devir que revela apenas forças que não são as suas, ‘espectro plástico’ (*Artaud Le théâtre et son double*). Os artistas são como os filósofos, neste aspecto, têm muitas vezes uma pequeníssima saúde frágil, mas não por causa das suas doenças nem de suas neuroses, é porque viram na vida algo de demasiado grande para quem quer que seja, de demasiado grande para eles, e que neles inscreveu a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a origem ou o sopro que os fazem viver através das doenças do vivido (aquilo a que Nietzsche chama saúde). ‘Um dia saber-se-á talvez que não havia arte, mas somente medicina...’ (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 152).

A. Como se chega a este corpo? Repito-me: O que quer dizer fazer um corpo irrisório? E como? Com metodologias também elas micro, com técnicas oblíquas, infra-finas. Com outros olhos, outros ouvidos, outras mãos - Absolutos ou (im)possíveis... Com as sensações (aqui “compostos de perceptos e afetos”) atinge-se esse corpo: com um terceiro olho que toca, uma

orelha que “torna audíveis as forças que não são audíveis em si mesmas”, uma mão livre que faz traços insubordinados (são os traços do dever), ou produz gestos e sons, um cheiro que tateia, movimentos que vão e vêm, livres também. O corpo tornar-se-á e será mesmo que transitoriamente onnipresente e onipotente e os artistas são capazes de fazer um corpo assim.

Podemos dizer, o espírito aflora (rasa) este corpo vivo, ele é o corpo vivo quando “já não subsiste ‘um único resíduo de matéria inerte e refratária [nele mesmo]’ ” (DELEUZE, 2011, p. 107) nos espaços todos e no tempo inteiro. O que há num som mais do que eu escuto? No que vejo quando vejo mais e escuto e ouço e sinto mais, ou outra coisa, o que sinto? O que sente este corpo?

Ressonâncias no meu corpo, o corpo inteiro a ressoar e podem ser ressonâncias subtis, nuances infimamente perceptíveis, melhor imperceptíveis. Sinto com os olhos, quando toco com os olhos e posso ver com os ouvidos ou com as mãos. Com o cheiro percorro distâncias incalculáveis e vou do passado ao futuro num instante. Trocas que radicam nas transferências “amodais” de Daniel Stern. Deixo-me levar pelas modificações dinâmicas e “incaptáveis”. Uma espécie de visão cutânea fina, um ouvido visual, (uma atenção simultaneamente auditiva, visual, táctil, olfativa, sinestésica/proprioceptiva) produzirão as condições de que a percepção necessita, condições singulares: escutar com os olhos enquanto se toca com os olhos, ver com as mãos, viajar com o nariz, apanhar a onda, numa coexistência de todos os movimentos que dissolverá totalmente o corpo inanimado ou desanimado, desembaraçando-o da sua inércia, da sua ausência de vida. Para se poder fazer um corpo outro tem de ter-se já um outro corpo. Antes, noutra tempo obtivemos esse corpo que nos permite pensar e fazer a cada instante um outro. Todos os sons, todos os cheiros, todos os gestos, todos os sentidos vêm ao encontro deste corpo. Atravessam-no inteiramente umas vezes e noutras é só um nó no estômago, uma pequena brisa no rosto, um estremecimento local, uma pausa na respiração, um dorzinha bem intensa num nervo indeterminado mesmo abaixo das costelas. Deixamo-nos ir e já não é um eu que ouço é o próprio som, palavra ou gesto que se põe à escuta e a ver. Matérias capturadas pela mais pequena diferença atravessam os corpos numa fracção de tempo e acordam-se, sintonizam-se. Eu Som, eu Cor, eu luz, eu espasmo, eu palavra e não mais eu sou. Assim, ter um corpo para ter um mundo, poder fazê-lo passar por um buraco de uma agulha, exige acrobacias invisíveis, atletismos impensáveis para que o corpo se possa estreitar, estender, alongar e recolher, contrair-se, tornar-se transparente e dissipar-se; ou avançar, irradiar, vibrar, pairar, e subitamente dá-se um passo mágico – a sintonia, encontrou-se o tom (numa conversa, num olhar cúmplice, na unidade ator-espectador, numa aula...). Mas para que possam coexistir e se conectar sensações tão heterogêneas e intensas (tão intensas que podem fazer estilhaçar um corpo comum – pela droga por exemplo - , tem de se construir um plano em que as sensações insistam e consistam: o plano de consistência.

Assim como a pintura liberta o olho do orgânico, tornando-o virtualmente “indeterminado e polivalente” e põe olhos por todo o lado “no ouvido, no ventre, nos pulmões” (DELEUZE, 2011, p. 105). Podemos alargar esta ideia e ver se

funciona. Quando dizemos que as crianças são como uma espécie de radares, se captam tudo é porque elas têm olhos e ouvidos e mãos por todo o lado. Mas o ator também. Os seus olhos fechados vêm e multiplicam-se e todos eles vêm. Também o ouvido devém e torna-se polivalente.

Os corpos são sonoros! Na música, no teatro, na dança. “É certo que a música atravessa profundamente os nossos corpos, implantando-nos um ouvido na barriga, nos pulmões, etc. A música é perita em ondas e nervosidades” (DELEUZE, 2011, p. 107); quando se põe em ação o ouvido polivalente os sons “são alados, majestosos, divinos e não podem anunciar aos nossos ouvidos surpreendidos senão a vinda de um ser que (...) tem decerto relações com o outro mundo” (DELEUZE, 2011, p. 108). E podem ser pequenas, as orelhas, como as de Dionísio e Ariadne para poder ouvir o que ele tem para lhe dizer já que não o pode ver. Certas palavras ditas só se podem ouvir com as orelhas de Ariadne (que ela adquiriu com Dionísio)Deleuze num texto a propósito da música refere-se à orelha dizendo que não há ouvido absoluto, todo o problema será então arranjar um impossível, como em “Francis Bacon – lógica da sensação” o problema será o de obter um olho impossível ou uma mão impossível.

Ou são Visões:

Podemos pensar, assim como Deleuze em a “Crítica e clínica”:

que os profetas, os evangelistas, o próprio S. Paulo estavam bem informados sobre os astros, as estrelas e os cultos pagãos; porém optaram por suprimir ao máximo esse estrato, cobri-lo. Só há um caso onde os judeus têm absolutamente necessidade de aí voltar, é quando se trata de ver, quando têm necessidade de ver, quando a Visão encontra uma certa autonomia relativamente à Palavra. ‘Os judeus do período posterior a David não possuíam olhos propriamente, eles perscrutavam o seu Jeová até se tornarem cegos, depois olhavam o mundo com os olhos dos seus vizinhos; quando os profetas deviam ter visões, estas deviam ser caldeias ou assírias. Serviam-se de outros deuses para ver o seu próprio Deus invisível’. Os homens da nova Palavra precisam do velho olho pagão. (DELEUZE, 2000, p. 62).

Ou são silêncios e respirações: na meditação por exemplo podem ser silêncios, ou só respirações, mas também podem ser fluxos. Com a mão esquerda em cima do joelho e o polegar e o indicador em circulo, a mão direita com o indicador e o dedo médio entre as sobranceiras, o anelar na narina esquerda e o polegar na direita, começa-se por uma longa e lenta expiração, depois inspira-se e muda-se de narina... os movimentos são estranhamente acrobáticos.

Ou pode ser só o corpo concentrado: dois dedos abaixo do umbigo e senti-lo todo.

Ou são mãos frenéticas numa “dança frenética”, mãos involuntárias e autónomas, cegas e rebeldes, mãos ao acaso, mãos de carícias ou violências

indescritíveis. Mãos que circunscrevem o improvável, bosquejam nele, livres e loucas desaprendendo tudo.

Dessas mãos, desses olhos, ou orelhas obtemos cheiros e sons, carícias e visões impossíveis, estrangeiras, extremas, viradas de mil avessos.

O corpo é um acontecimento singular e a calma do corpo/espírito alcança-se com mil micro operações que abrem sobre um vazio imenso numa parte do corpo, no ventre, no corpo todo. Num momento indeterminado ele deixa-se ir e deixar-se ir é largar-se da mão. As tensões contrárias, as limitações perdem força, o corpo de fraca intensidade muda-se e intenso é já outro, flui, trouxeram-se novas e potentes forças deixando-se ir, largando da mão. Como se deixa ir largando da mão a mão da criança que anda pela primeira vez. As forças que bloqueavam, e impediam o movimento sumiram-se. As que voltam e que nascem vivem.

Mas os corpos são ainda odores e fluidos, que o ar transporta e também são ar. Os corpos como as flores - “como se as flores se sentissem a si próprias sentindo o que as compõe, tentativas de visão ou de olfato primeiras, antes de serem percebidas ou mesmo sentidas por um agente nervoso e cerebrado” (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 190).

B. De que se compõe então este novo corpo?

Primeiro, de novas sensações impossíveis, de novos órgãos que sentem para além do sensório comum. Como nascem esses órgãos, olhos nos braços ouvidos no ventre?

Quando a sensação captura o encontro da onda com as forças, ela é propriamente esse encontro atlético criador de novas variedades, invenção e criação de afetos. Por quê? Um novo órgão é uma nova maneira de sentir. É da impossibilidade absoluta como do ouvido absoluto que saem os espasmos, as nuances, a vida na sua máxima potência. É das pequenas percepções, como de uma pequena dança, que saem as sensações que rompem e abrem fissuras deixando entrar o real. Elas são as micro-operações vitais que nos põem em contato com não sei o quê que sinto, num certo ar que passa, numa sílaba entre duas outras numa palavra, entre duas notas musicais. São micropolíticas, micro gestos, micro sons, ínfimos raios que implicam micro atenções e transportam partículas que entrelaçarão os corpos e produzirão afetos de vitalidade. Eles próprios viajam e lançam-se para lá do espaço dos corpos, vão sempre neles mas para fora deles, nas margens, nos interstícios, no vazio.

Fora da experiência de que somos habitualmente conscientes produzimos micro-operações instantâneas para entrar em contato com os elementos vitais.

Contudo, falemos ainda de duas formas de atletismo: primeiro, como condição primeira, o atleta isola, por um movimento independente dele, força-se para libertar o corpo, é um procedimento para escapar às misturas, para libertar as matérias, para obter a mais larga variação no mais pequeno intervalo (pode ser só polegar e indicador a formarem um círculo), para capturar as forças, isolar com uma espécie de micrótomo para extrair singularidades, para desfazer, limpar, laminar no infra-fino, isolar como um ato livre que manipula os objetos, as cores, os sons, as palavras, os cheiros e faz sair um acontecimento;

depois, segunda condição, num esforço intenso e imperceptível será o corpo, ele mesmo, a origem e a fonte do movimento, mergulha ou lança-se no caos, para transportar as forças favoráveis.

Para terminar:

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou um sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou as funções que ele exerce. Sobre o plano de consistência, *um corpo define-se somente por uma longitude e uma latitude*: quer dizer o conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); o conjunto dos afetos intensivos de que ele é capaz, sob tal poder ou grau de potencia (latitude). Nada senão afetos e movimentos locais, velocidades diferenciais. (DELEUZE E GUATTARI, 1980, p. 318).

Lisboa, 12 de Setembro de 2014
Ana Godinho

Referências

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon Lógica da Sensação**. Tradução José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

_____. **Crítica e Clínica**. Lisboa: Século XXI, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.

_____. **O que é a Filosofia?** Lisboa: Presença, 1992.

HELDER, Herberto. **Poesia Toda**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

_____. **Servidões**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.